

---

## Editorial



NÚMERO que hoje apresentamos conta, novamente, com larga colaboração de colegas estrangeiros. O artigo de Papazoglou abre-nos as portas da Grécia. O que sabemos nós das bibliotecas nesse país também do Sul da Europa? É muito interessante a sua leitura e inevitável comparação com a nossa própria situação. Não são poucas as semelhanças e, vendo-nos ao espelho, talvez tiremos algumas lições. Por sua vez, Ferguson, uma bibliotecária de há muito empenhada na biblioteconomia da América Central e na afirmação dos pequenos países, equaciona muito oportunamente o problema de uma intervenção estratégica em cada biblioteca.

Nem sempre se aprende só com os grandes. Conhecer as nossas próprias bibliotecas é um bom princípio e embora Macau fique tão longe a nossa curiosidade existe e é satisfeita pelo texto de Arrimar.

O pertinente testemunho de Casanova não pode deixar de nos preocupar. Com o desassombro que precisamos, lemos o que sempre fomos deliberadamente omitindo porque, como se diz, somos todos responsáveis. Como a sublinhar esta situação, o texto sobre a Biblioteca Nacional. Ficam claras as suas origens mas com erudição, Domingos desfaz interpretações menos correctas e enriquece, assim, a nossa memória colectiva.

Memória também são os arquivos de família que urge apoiar para que se valorize essa riquíssima parcela do nosso património cultural como bem o sublinha Peixoto.

Em Documentos BAD publica-se uma notícia bem alargada do que foi o Seminário em Preservação e Conservação.

De texto para texto um conjunto algo desigual, é verdade, mas reflectindo genuinamente o que se passou. Um pouco para que não nos esqueçamos quem esteve, o que se disse, ou se escreveu. Entre os textos escritos apresentados,

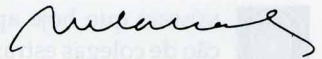
publicamos apenas os de Diniz e, como elemento de trabalho, pareceu-nos oportuna a publicação da bibliografia geral sobre P&C.

Finalmente, os Índices. Cobrindo os anos 1983-1989, fica a série de Lisboa toda tratada, como prometido. Prosseguiremos com a nossa tarefa avançando para a série Coimbra e faremos um esforço no sentido de a cobrir na íntegra nos próximos dois números.

Este número é o último no mandato do actual Conselho Directivo Nacional.

Muito embora as dificuldades sejam as nossas fiéis companheiras, seria injusto não dizer publicamente que muitas foram as arestas limadas durante este período. Não foi fácil para qualquer dos lados, mas é bom poder hoje reconhecer que estamos já noutra fase.

Julgo que nos encontraremos em Julho e, se assim for, será então altura de falar do futuro.



(Maria Luísa Cabral)